

Entrevista com Leane Naindin

Entrevistador: Sergio Goes de Paula

Data: 17 de setembro de 2015

Sergio: Eu queria que a gente falasse de Finep, como foi... **Eu tenho lembranças da Finep e queria lembrar da sua do programa que você não lembra que é o Prosoce**, porque naquela época, era o governo Geisel e este tinha uma política industrial muito intensa, muito forte, muito grande e muito ampla, voltada para uma ideia fundamental, que era ciência e tecnologia, naquela época não se falava em inovação mas era ciência e tecnologia, e ele tinha aquele desejo de uma presença do Estado em todos os setores. Por outro lado, ele vinha do tempo do Medici e do Delfim, onde tinha havido uma exacerbação enorme da desigualdade, então ele teve uma atuação nas políticas sociais, políticas compensatórias, a desigualdade de renda seria compensada não com a melhoria de salários, mas com a melhoria de alguns serviços, saúde, alimentação, transporte, saneamento etc. – era essa a proposta, como eu me lembro. Então o tal do programa social lá da Finep aconteceu, exatamente, **porque foi isso e tinha uma quantidade de dinheiro que era colocada nesse ramo, campo que nunca tinha havido antes**. Você viveu essa experiência, lembre-se que a gente foi para o Instituto Evandro Chagas, em Belém, foi uma viagem ótima, alias... Eu me lembro da gente chegar lá e as pessoas não tinham nem como fazer, não sabiam fazer projetos, a gente meio que tinha que ajudar a fazer os projetos para viabilizar aquilo. Eu queria que você falasse do que você lembra desse período.

Leani: Vou tentar, isso que você mencionou é interessante, porque eu acho que você começou falando da ênfase na política industrial e o recurso da ciência e tecnologia normalmente é associada ao desenvolvimento de tecnologia industrial, então essa é uma parte interessante, porque foi uma iniciativa da Finep colocar recursos destinados à ciência e tecnologia, mais voltadas para o social. Aí o social, no caso, era ensinar essas instituições a usar o dinheiro público, né? Na verdade, também desenvolviam ciência e tecnologia, desenvolviam pesquisas, análises, como o Itai [Instituto de Tecnologia de Alimentos], na área de alimentos, estava desenvolvendo pesquisa, mas para ter pesquisa tem que ter recursos, tem que ter equipamentos de tecnologia, essa foi uma grande sacada nesse programa da Finep. Uma coisa que na verdade num país desenvolvido já era óbvio nessa época, né? Nessa época a Finep fez uma inovação, em outras instituições de financiamento público não sei se fazia isso.

Sergio: Não.

Leane: Foi uma inovação, essa área social foi um projeto da Finep, colocar ciência e tecnologia nessa área. Fazer um financiamento social não era uma coisa assistencialista, como você diz, distribuição de renda, mas também desenvolver ciência.

Sergio: Ali na Finep eu via isso. Você se lembra da dificuldade que nós tínhamos de encontrar grupos de pesquisa capazes de receber financiamento?

Leane: De conseguir fazer projeto.

Sergio: De fazer projetos.

Leane: Hoje em dia isso mudou...

Sergio: Exatamente, também lá se vão quarenta anos...

Leane: Eu acho que foi uma semente, uma semente importante, o interessante também que até hoje está presente no Brasil exatamente esta questão, a ideia de que a pesquisa pura não tem que estar associada, vem com um debate na academia sobre isso, né?

Sergio: A pesquisa aplicada...

Leane: É, a pesquisa aplicada, ela é menos nobre, seria menos nobre, enfim, se a gente pensar assim essa impressão em 3D de hoje em dia para cirurgia... Imagine se esse raciocínio faz algum sentido.

Sergio: Claro.

Leane: Ainda tem, naquela época acho que tinha mais ainda.

Sergio: Muito mais.

Leane: Acho que a Finep entrar numa área aonde ela tinha... Porque precisava de empresas também, o Itai estava desenvolvendo alimentos que iam ser utilizados. Tinha um pouco essa ideia de uma maneira **que para a pesquisa básica para uma aplicação prática** e eu acho que isso foi uma coisa importante, super interessante.

Sergio: Sem dúvidas, foi super importante. Naquela época eu me lembro que na verdade você tinha um laboratório, que tinha um chefe de laboratório que conseguia dinheiro pelo seu prestígio pessoal. O dinheiro ia para a conta do pesquisador, isso acontecia de monte, ia para a conta dele, ele assinava o cheque. Era uma coisa que você duvida hoje em dia, como pode ser tão amadorístico?

Leane: Não tinha estrutura.

Sergio: Não tinha nenhuma estrutura.

Leane: Neste aspecto foi um aprendizado para as instituições também, essa primeira...

Sergio: Lembra que quando a gente financiava um projeto grande, a gente exigia que tivesse um administrador daqueles recursos?

Leane: A gente ensinou eles.

Sergio: A gente ensinou, não passava pela cabeça que tinha que ter alguém para prestar contas..

Leane: Prestar contas, se organizar, o pesquisador também vivia num mundo onde dependia de recursos de projetos, não tinha essa vivência, não tinha essa prática.

Sergio: Não tinha nada.

Leane: Por um lado, sem essa vivência rigorosa demais, certas instituições não teriam recursos. Não tinham essa experiência, mas isso foi adquirido. Acho que hoje em dia já superaram essa fase, os grandes centros – a Finep continuou nessa área. Depois você vai conversar com a Célia, da área de saneamento e tal, ainda foi nessa linha, acho que foi um embrião importante. Na área de tecnologia de alimentos o mais significativo é isso, eram umas pesquisas voltadas para ciência, mas tinha a intenção de desenvolver uma relação da pesquisa com a indústria. Isso tinha um certo viés ideológico anti essa regulação.

Sergio: Claro, isso era uma coisa mal vista.

Leane: Na verdade, **você disseminava alimentos com conteúdos tecnológicos mais nutritivos**, por exemplo, e de menor preço é algo que a pesquisa pode desenvolver junto com a indústria e já fez isso.

Sergio: Se não fizer isso, não vai acontecer.

Leane: E a Embrapa, na época também a Finep acho que entrou na Embrapa, não me lembro.

Sergio: Não me lembrava.

Leane: A Embrapa é um caso de sucesso. A Finep, na época em que eu saí, ainda passei um pouco de tempo na Finep, foi em 2004 ou em 2005, por aí, eles contrataram um estudo com um pessoal, eu posso recuperar isso, com um pessoal lá em São Paulo... Eles contrataram um estudo que eu posso tentar recuperar, que foi um estudo de caso da Embrapa, não sei, mas acho que a Finep entrou, o Chaves fez, não sei se te interessa, está mais interessado em saúde, né?

Sergio: Não sei, na verdade estou buscando informações.

Leane: O Chaves, ele financiava a Embrapa e a Embrapa é um caso de sucesso no mundo em pesquisa na área agrícola; assim como a Embraer na área aeronáutica, a Embrapa é um caso de sucesso nessa relação de pesquisa e desenvolvimento prático de produtos, não só pesquisa básica.

Sgeos: O que a gente fez naquele tempo na área de nutrição? Eu só me lembro de Itai, mas não teve só o Itai, vamos ver o que temos no período de [19]70.

Leane: Não teve só o Itai, o Inan [Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição] tinha uma ideia de desenvolver produtos mais baratos, aproveitamentos de cascas de frutas que geram alimentos nativos, além do Itai, eu me lembro que eu fui visitar uma fazenda de búfalos...

Sergio: Eu me lembro

Leane: Levei uma cabeçada de um búfalo.

Sergio: Uma bubalina, eu sei exatamente.

Leane: E o Fernando? Esse eu nunca mais vi.

Sergio: Nunca mais vi o Fernando.

Leane: Nunca mais soube dele.

Sergio: Cadê? [Consulta um volume do II PBDCT] Desenvolvimento da agropecuária, capítulo seis, acho que está aqui...

Leane: Mas eu acho que além do Itai, aqueles institutos de Belém não era alimentação não?

Sergio: Eu me lembro, de Belém, o Evandro Chagas, eu me lembro que nós fomos muito lá.

Leane: Está funcionando essa gravação aí.

Sergio: Cadê alimentação e nutrição? Meio ambiente, habitação... Será que eu já passei pela alimentação?

Leane: Quer que eu veja?

Sergio: Aqui, achei, agora quero que você veja.

Leane: Você que eu veja o quê? [Lendo:] Projeto de recursos **tridimensionados** do governo através do Inan; projetos prioritários: inquérito nutricional, fazer inquéritos para o IBGE, que era uma coisa importante; política de produção de alimentos orientados nutricionalmente – hoje em dia acho que é uma coisa que está bem desenvolvida e naquela época não tinha nada, que a entidade era o INAN; produção de alimentos na **maioria dos estados nutricionais** em área de baixa renda, entidades participantes: Embrater em articulação com a Sesp, as secretarias de Saúde do Ceará e Sergipe – acho que a ideia era desenvolver, exatamente, alimentos com resíduos de cascas de alimentos, essas coisas, que fossem alimentos jogados fora e que tinham conteúdo nutricional e que podiam alimentar uma população de baixa renda grande. Depois, um projeto integrado de nutrição e saúde – entidades participantes: Secretaria de Saúde de Pernambuco e Sesp, Zona da Mata Sul, desenvolvimento de alimentos infantis, suplementos alimentares e alimentos enriquecidos – Itai/indústria, essa que foi a parte mais interessante, Sérgio, que eu acho.

Sergio: Claro.

Leane: Porque foi inovadora na época, do ponto de vista ideológico foi um debate que hoje no Brasil está completamente ultrapassado, mas que até hoje existe. Acho que nos países desenvolvidos não tem mais esta questão, acabou, a ideia era essa, acho que isso foi uma coisa bem importante. Assistência alimentar à gestante e **intraescolares** – entidades: Unipas, Unicamp e UNB, em articulação com o Ministério da Saúde e o Inan; aí tem o pré-escolar, assistência pré-escolar – entidades escola de saúde pública, Departamento de Nutrição e Medicina Preventiva da Secretaria de Educação do estado e município de São Paulo. As entidades são os grandes programas articulados e coordenados pelo Inan.

Sergio: Esse capítulo de nutrição você teve participação, mas eu acho que a gente deve muito nesse capítulo é ao Eduardo Kertész.

Leane: Você já conversou com ele?

Sergio: Morreu o Eduardo, há muito tempo, morreu muito jovem, morreu muito jovem, morreu cedo, morreu há bem mais de dez anos.

Leane: Ficou doente? Foi alguma doença.

Sergio: Morreu de câncer, morreu cedo sim...

Leane: Ele foi bem...

Sergio: Ele era ...

Leane: Era bem inovador.

Sergio: Ele era de uma inteligência fulgurante, era muito inteligente. As ideias do Eduardo eram... valia tudo, uma das ideias dele era arborizar as ruas das cidades com árvores frutíferas, que era para comer, alimentar os pobres...

Leane: Não seria má ideia, né Sérgio?

Sergio: Inspirado em Belém, que é arborizada com mangueiras.

Leane: Não é absurda a ideia, se você pensar bem, porque seria absurdo isso? Se a gente pensar no mundo hoje, você precisa de sustentabilidade e tal.

Sergio; Se você pensar no volume de alimentos necessários...

Leane: É um absurdo não entrar no sistema, em pauta, não sei em qual sistema teria que entrar.

Sergio: Ele tinha essa coisa da... uma das ênfases dele era a questão da merenda não ter produtos industrializados, foi uma coisa que foi recuperada mais tarde, a produção ser local, com os alimentos locais.

Leane: Economicamente faz sentido, do ponto de vista nutricional faz sentido.

Sergio: Culturalmente faz sentido.

Leane: Culturalmente faz sentido, e hoje em dia, se você pensar do ponto de vista político e social, antropológico, na concepção das comunidades, hoje em dia já se desenvolveu muito mais, foi muito inovador, agora não só continuidade, provavelmente se você for pesquisar hoje em dia esses centros, eles devem voltar esse senso deve estar muito mais...

Sergio: Eu fico pensando naquele tempo, por exemplo, duas entidades que foram super importantes no nosso trabalho, que foram o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição e a Central de Medicamentos, e hoje em dia não existe nada equivalente na estrutura governamental.

Leane: A ideia era fazer medicamentos no país, não era isso? Muita corrupção entrou também, né Sérgio?

Sergio: Acho que na verdade havia uma coisa mal orientada, porque fazer medicamentos... porque na fazer uma pesquisa de medicamentos era uma pesquisa que a Finep não teria cacife para bancar, pesquisa de vinte anos.

Leane: Pesquisa básica.

Sergio: Pesquisa básica, depois a pesquisa clínica, era uma coisa de uma dimensão...

Leane: Aquele laboratório Achê, que até hoje existe, foi um dos poucos laboratórios... foi daquela época.

Sergio; O Achê foi apoiado pela Finep?

Leane: Eu acho que foi apoiado pela Finep naquela época e existia toda essa discussão, na minha lembrança está vindo, existia exatamente esta discussão, até que ponto a Finep ter cacife para sustentar esse laboratório que ia sempre depender dos recursos do governo, não ia nunca fazer pesquisa básica, não ia ter produção nacional de medicamentos, hoje em dia já tem, né?

Sergio: Tem.

Leane: O Achê eu acho que existe até hoje, acho que foi o único, se você quiser recuperar isso, acho que foi dessa época, o Achê...

Sergio: Essa coisa de medicamentos, de uma certa forma, em termos de produção nacional, nós evoluímos muito pouco.

Leane: Não tem produção nacional?

Sergio: De ponta, não.

Leane: E esses genéricos? De ponta não, mas é a mesma coisa que você querer que a gente faça em ponta hardware de computador, analogia com aquela política em informática.

Sergio: Sim, mas era o que se desejava naquele momento, o que se pretendeu.

Leane: Sim, mas tem laboratórios fazendo genéricos.

Sergio: Tem, mas ai fazer genéricos é usar uma tecnologia já pronta, tão antiga que já está disponível.

Leane: Tá, tudo bem, mas ai a gente volta ao debate original da história, se é importante você fazer só pesquisa pura, a básica, e você associar, difundir...

Sergio: Claro, a lei do genérico é uma lei espetacular.

Leane: Acho que a Finep financiou os laboratórios.

Sergio: Você baixa cinquenta por cento, setenta por cento do custo do remédio de marca.

Leane: Então isso, do ponto de vista da recuperação, eu acho importante, talvez fosse importante voltar, quais são os laboratórios nacionais que já estavam sendo financiados naquela época. Acho que vai ser interessante. Porque alguns vingaram, não todos, eu me lembro do Achê, é o que eu me lembro daquela época, eu posso estar enganada.

Sergio: Tinha um em Minas Gerais, você se lembra? Não sei se naquele tempo a gente entrou numa coisa de produção de insulina.

Leane: Eu acho que sim.

Sergio: Eu acho que sim, que a gente entrou...

Leane: Tinha uma insulina feita de outro animal.

Sergio: De porco, de fígado de porco, exatamente, eu acho que a Finep entrou nisso, entende?

Leane: Deu certo isso? Não sei.

Sergio: Deu, de certa forma deu, claro que acabou sendo comprado, de uma certa forma desenvolvi uma tecnologia

Leane: Lógico, não tem problema você comprar, acho que aí tem um problema ideológico que a gente tem que separar na origem, se colocar nos tempos de hoje, se uma instituição do tipo da Finep financia projetos relevantes que são inovadores e aí depois e vinte, trinta anos se tornam multinacionais, isso aí pouco importa, importante que ela tem que contribuir para o desenvolvimento de um produto que....

Sergio: De um conhecimento...

Leane: De conhecimento e de um produto mais acessível...

Sergio: Nacional, digamos assim.

Leane: Exatamente.

Sergio: Teve essa coisa da insulina, exatamente, eu me lembro que a gente andou mexendo nessa coisa, andou financiando isso...

Leane: Queria que pegasse essa história lá nos arquivos da Finep, enfim, acho que a Célia pode te ajudar bem nisso, um tipo de pesquisadora que gosta de... acho que ela ficou mais na área de saneamento, mas eu acho que ela não pegou esse programa nosso.

Sergio: Não.

Leane: Eu vou olhar.

Sergio: Quando a Célia entrou eu já tinha saído, você ficou, eu já tinha saído, Célia não foi minha contemporânea lá não.

Leane: Não, eu acho que alguma coisa de saúde... propriamente como era aquele programa, não teve outro não, né?

Sergio: Não sei, não conheço a Finep mais.

Leane: Isso era bom investigar no que ele desembocou, no que ele foi aproveitado, de alguma maneira deve ter sido. Os Institutos de Alimentação todos continuaram na Finep.

Sergio: De quais você fala?

Leane: Só me lembro se o ITAL de Campinas, mas tinha no país todo.

Sergio: Tinha.

Leane: Isso eu me lembro, que a gente visitava, visitava outros lugares, eu não me lembro nomes. Mas a ideia era financiar institutos que desenvolvessem alimentos para as pessoas, a população pobre, mais baratos, com mais tecnologia, isso deve ter continuado lá por algum tempo. Na área de saúde não me lembro bem.

Sergio: Você... eu me lembro que a gente foi para Belém, para o Instituto Evandro Chagas, você foi para Manaus também?

Leane: Fomos.

Sergio: Para ver o Instituto, como é que se chama? O Impa, Instituto de Pesquisa na Amazônia.

Leane: Eu acho que tem na área de alimentos também, só não me lembro os nomes. A Finep é interessante, a ideia de recuperar essa história, você mostrar...

Sergio: Não nesse primeiro momento, mas, de qualquer forma, que fique um registro para num segundo momento ter um levantamento...

Leane: Se você conseguisse mostrar onde é que estão esses institutos, se continuaram ou não, onde desembocaram, pode ser uma coisa interessante.

Sergio: Claro que é.

Leane: Não sei se tem informação para isso, né?

Sergio: Informação, ela se perde, mas se você não busca, então elas se perdem definitivamente.

Leane: Essa é a função da tua pesquisa?

Sgoe: O pesquisador busca registrar informações, a informação nunca está se oferecendo, isso não existe.

Leane: Pois é, se você começar pelo menos com esse dois e passar para outras pessoas eles vão ter...

Sergio: Eu estou muito esperançoso com esse arquivo da Finep, vamos ver. Alguém me disse que tem relatórios do PESES lá na Finep, o relatório de uma pesquisa específica.

Leane: Eu te falei, vou procurar lá em casa, eu guardei relatórios.

Sergio: Vou dar uma olhada nisso lá também. Você acha que o Gane pode me ajudar nisso?

Leane: O Gani ainda esta lá, a Célia acabou de se aposentar no ano passado.

Sergio: Ele sabe me dizer quem procurar.

Leane: Ele conhece as pessoas, o Gane conhece todo mundo. Super-bem relacionado.

Sergio: Continua aquela figura animada de...?

Leane: Superanimado, vai lá e fala com ele antes que ele saia.

Sergio: Não, eu vou ligar para ele logo, vou ligar imediatamente.

Leane: Eu peguei com a Fernanda Gadelha o celular dele e da Célia que eu não tinha, ela me deu e eu vou te passar, ele vai dizer com quem você fala...

Sergio: A Fernanda Gadelha esteve lá também, né?

Leane: Só que ela já era na época do grupo de pesquisa, ela nunca foi... a gente trabalhava em projeto.

Sergio: É, a gente não era do grupo de pesquisa.

Leane: A Fernanda, quando entrou, entrou no grupo de pesquisa, quando eu saí do projeto eu fui para o grupo de pesquisa.

Sergio: Que era bem mais animado.

Leane; Bem mais animado.

Sergio: Eu acho que na verdade não é, nós do projeto deixamos uma marca mais importante que os grupos de pesquisa, a pesquisa nunca...

Leane: Mas tinha um grupo bom lá, né Sérgio?

Sergio: Bom não, ótimo.

Leane: A nata.

Sergio: A nata daquela época, mas...

Leane: Gerou aquela pesquisa de organização industrial, a primeira pesquisa que se fez no Brasil, José Tavares, a Conceição.

Sergio: Imagina, a Conceição, o Lessa, só quem não estava lá Castro.

Leane: O Castro ficou um período...

Sergio: Muito pequeno, a Conceição ficou um tempo razoável lá.

Leane: Um tempo importante na pesquisa de matriz em organização industrial, na indústria. A nossa área era mais social, nesse sentido concordo com você, no ponto de vista de tecnologia social, definindo assim...

Sergio; Eu acho que foi um trabalho que...

Leane: Foi importante.

Sergio: Ficou uma marca que até hoje tem reflexos.

Leane: Com certeza, por isso que eu estou te falando, seria interessante se você conseguisse

Sergio: Seria, claro.

Leane: Chegar onde estão esses institutos hoje em dia, porque ali foi uma origem, como você está dizendo, aquele pessoal mal sabia preencher, fazer um projeto, ninguém sabia o que era isso. A gente chegava lá e eles não sabiam, não entendia o quê, tinha que ensinar, mas ai esse era o propósito, concepção na época da Finep era essa, o propósito era difundir isso, introduzir isso, não se esperava, ninguém recusava financiamento de instituição porque não sabia fazer projeto. A nossa função era essa, era difundir isso, então eu acho que isso era importante.

Sergio: Nós éramos os midas, chegávamos lá distribuindo ouro.

Leane: Superbem recebidos.

Sergio: Nunca fomos mal recebidos em lugar nenhum.

Leane: Nunca, lógico, chegávamos com o financiamento.

Sergio: Chegávamos com o financiamento e era tudo muito fácil, se lembra como era simples? Não demorava, as demoras quando tinha, era por problemas políticos. O PESES demorou para ser implementado porque teve uma resistência muito grande na Fundação Oswaldo Cruz, mas os outros projetos...

Leane: Mas por que? Que tipo de rejeição?

Sergio: A Fundação Oswaldo Cruz era muito conservadora, tinha um ministro, Rocha Lagoa, muito de direita que, enfim, fez uma limpeza lá, demitiu sete, dez grandes cientistas, era muito conservadora, era uma instituição decadente, só conseguindo... Aí entrou... na verdade o projeto só foi salvos (entre aspas), porque entrou um cara que era economista do Ipea chamado Vinícius da Fonseca comprometido com essa modernização, você lembra?

Leane: Mais ou menos, de nome, assim.

Sergio: Que foi presidente, ele meio que... também com muita dificuldade, porque o vice dele era um major chamado Guilardo Martins Alves, então tudo ali... havia uma presença muito grande do SNI.

Leane: Então qualquer coisa que se falasse em social naquela época era punido...

Sergio: O PESES, depois de um ano e pouco, mudou a relação de forças, mudou, demitiram várias [pessoas].

Leane: Era tido como subversivo, né?

Sergio: Era subversivo.

Leane: Impressionante.

Sergio: Não sei se você lembra dessas pessoas, Tatiana Lins e Silva...

Leane: Só de nome

Sergio: Pois é, ela foi uma pessoa que foi demitida sumariamente, Isabel Picaluga, Ana Clara de Torres Ribeiro, tudo foi demitido assim, de uma hora para outra, uma coisa brutal.

Leane: Impressionante, ver isso como uma iniciativa subversiva, impressionante.

Sergio: A gente agitava.

Leane: Estava se falando de ciência e tecnologia.

Sergio: Não só, o PESES quando a gente chamou... na verdade através de vários caminhos acabei conhecendo o Sérgio Arouca e o chamei para ser o coordenador pelo lado da Fundação da Oswaldo Cruz, ele entrou e era uma cara do partidão e partiu imediatamente para fazer propaganda.

Leane: Por isso, aí é outra coisa, do ponto de vista da Finep, de financiamento de projetos, não tinha nenhuma razão para ser entendido dessa maneira, era problema da ditadura mesmo, com um viés autoritarista e completamente antissocial, era só isso.

Sergio: No PESES, claro que a gente agitou.

Leane: Mas foi divertido, claro que disso eu não participei tanto, estava na área de alimentação.

Sgoe: Não, você estava fazendo tecnologia, exatamente, e era um choque porque tinha o grupo do partidão e tinha o grupo mais à esquerda que era a Tatiana, a Isabel, tinha algumas pessoas ali e que estavam mais ainda à esquerda do que o partidão e que estava agitando também. Era menos eficiente, o partidão era mais eficiente nesse tipo de coisa porque tem uma estrutura mais completa e estava dedicado a isso, era menos eficiente, mas com uma repercussão mais ampla, aparecia mais, era mais barulhenta e eles eram mais eficientes e mais ocultas, funcionava muito bem, tanto é que o Arouca acabou sendo presidente da Fundação.

Leane: Ficou muito tempo, né? Ficou um bom tempo.

Sergio: Não, ele fez concurso, entrou...

Leane: Tinha uma eficiência de trabalho, tinha...

Sergio: O Arouca era uma pessoa excepcional.

Leane: Onde ele anda?

Sergio: Morto. Nessa idade as perguntas são perigosas. Morreu há mais e dez anos, morreu cedo, morreu com sessenta e poucos anos.

Leane: Foi um bom amigo, vocês trabalharam juntos.

Sergio: Trabalhamos juntos, o Arouca era uma pessoa com decência porque nós tínhamos divergências profunda e, no entanto, nunca tivemos... sempre tivemos respeito enorme.

Leane: Isso é muito bom.

Sergio: Claro, além de ser uma pessoa adorável, era uma pessoa maravilhosa, agradável, muito fascinante, bela figura o Sérgio Arouca.

Leane: Hoje em dia a Fiocruz está bem? Esse trabalho você está fazendo para ele.

Sergio: Para a Fundação, para uma das unidades da Fundação. Está bem, não tem nada no Estado, no governo, bem, tudo com um corte de verba danado, mas a Fundação é relativamente rica dentro dessa...

Leane: Mas essa época do PESES foi um embrião para ela?

Sergio: Totalmente.

Leane: Dali seguiu tudo.

Sergio: Não foi só o PESES/PEPPE que fez isso, isso foi contemporânea com a ida do Vinícius da Fonseca para a Presidência, com o Veloso bancando ele, injetando dinheiro e abrindo a Fundação para essa maneira de ver e que a Finep como...

Leane: Uma parceira....

Sergio: Uma parceira, exatamente, então não foi o PESES/PEPPE que mudou a Fundação.

Leane: Não.

Sergio: Foi um dos elementos que ajudou a mudar a Fundação.

Leane: Claro, foi muito importante.

Sergio: No que toca a Escola Nacional de Saúde Pública, o PESES/PEPPE foi...

Leane: Muito importante.

Sergio; Foi o mais importante.

Leane: Eu me lembro quando você começou a criar isso lá na Finep, eu me lembro disso, tenho uma lembrança.

Sergio: Você lembra do José Carlos Braga?

Leane: Não.

Sergio: não né? Que fez uma pesquisa comigo sobre...

Leane Eu me lembro desse programa que estava superbatalado dentro da Finep, que era um programa inovador que ia começar e tal, eu me lembro disso. As pessoas assim... tinha uma equipe pequena, né Sérgio?

Sergio: No PESES?

Leane: É.

Sergio: Não.

Leane: Não me lembro.

Sergio: Eram quase quarenta pessoas.

Leane: Dentro da Finep?

Sergio: Não, na Finep era eu, na verdade a ideia de manter... era um programa em conjunto Finep/Fundação Oswaldo Cruz por uma razão: proteger o projeto, porque se passasse tudo para a Fundação Oswaldo Cruz a Fundação abocanhava e matava o projeto.

Leane: Abortava o projeto e vice-versa.

Sergio: Exatamente, abortava o projeto.

Leane: Se ficasse só na Finep também poderia não ter continuidade.

Sergio: Não tinha, porque a Finep não tinha espertize para isso.

Leane: Foi uma bolação ai muito... bolação foi sua?

Sergio; Foi eu, realmente foi eu.

Leane: Uma bolação muito moderna, se você pensar hoje o quê a gente está falando há pouco, dessas articulações com aplicação institucional e o produto que você gera, acho que foi muito moderna essa visão.

Sergio: Foi muito legal sim, e garantiu, protegeu durante dois ou três anos, depois não foi mais possível segurar, até lá a gente conseguiu colocar uma semente...

Leane: Muito importante.

Sergio: Foi muito importante.

Leane: Sem semente não tem nada.

Sergio: Sem semente nada nasce.

Leane: Foi muito interessante, eu gostei também dessa época, foi bem...

Sergio: Essa época foi ótima.

Leane: Bem interessante.

Sergio: Foi uma boa época de minha vida profissional, tudo era bom.

Leane E a gene tinha uma Finep começando ali, mais ou menos, né?

Sergio: Mais ou menos começando.

Leane: Esses programas cresceram nessa época, ela tinha começado antes, mas ela começou a se desenvolver nos anos setenta, oitenta.

Sergio: e tinha outra coisa que era preciosa, nós tínhamos vinte poucos, trinta anos né?

Leane: É, e tinha gestão dos presidentes ali.

Sergio: Sim, e a gente teve sorte de estar ali.

Leane: Sorte de estar num grupo de uma liderança de gestão pública do mais alto nível, uma percepção de ciências e tecnologia muito inovadora e muito atual, muito moderna e muito.... eu considero para mim que foi uma sorte de estar naquele grupo.

Sergio: Foi uma enorme sorte, nós tivemos uma sorte imensa.

Leane: Uma sorte imensa, não era só a presidência, era quem ele recrutava, né? Claro, como presidente vai recrutar uma equipe condizente, ele recrutou umas equipes ótimas, todo mundo, nas diferentes áreas, um grupação ali, naquela época, era todo mundo de uma competência, modesta parte.

Sergio: Claro, o Pelúcio tinha umas coisas interessantes, ele funcionava muito instintivamente, eu me lembro e uma coisa completamente banal, mas que mostra quem era o Pelúcio. Eu estava na sala dele uma vez e ele estava discutindo uma vez que ia implantar ponto para os funcionários d Finep, eu disse "Doutor Pelúcio, isso é uma bobagem, todo mundo gosta de vir aqui, chega cedo..." "Ah, não sei o quê lá..."

Leane: Isso foi um motivo de briga, lembra?

Sergio: Exatamente, mas ai... eu nunca tive ponto, no dia seguinte, eu chegava muito cedo porque eu era muito animado, chegava muito cedo. No dia seguinte toca o telefone, a secretária do Pelúcio fazendo uma pergunta banal, uma pergunta qualquer e eu respondi, depois disso todo mundo tinha ponto e eu não tinha ponto porque ele checou e viu que eu estava lá. Ele era um chefe extraordinário.

Leane: Você lembra da briga do José Tavares com o Marcelo?

Sergio: Não.

Leane: Marcelo Abreu, você não estava, eu estava, isso foi no grupo de pesquisa e eu não sei os detalhes, não me lembro, soube na época, hoje me esqueci, houve uma briga com essa coisa de ponto quando o Marcelo Abreu entrou...

Sergio: Ele foi um diretor chatinho pra caramba.

Leane: E o Zé era chefe de um grupo de pesquisa, um negócio desse, e o Marcelo Abreu resolveu botar ponto, e foi pivô.

Sergio: Eu me lembro disso, o Zé se recusou.

Leane: O Zé se recusou, mas enfim, isso foi bem depois...

Sgoe: Mas realmente, não sei se foi muito depois não, eu estava lá quando Marcelo Abreu era o chefe.

Leane: Ele foi diretor, o Zé era subordinado de pesquisa, ele disse que não ia assinar ponto e foi uma briga ali.

Sergio: O Marcelo era um chefe muito chato, chefe muito autoritário e ranzinza, ranheta, lembra?

Leane: Tem pessoas que são assim.

Sergio: Não era um chefe legal não, era ranheta .

Leane: Para você ver como as pessoas fazem história, as personalidades influem.

Sergio: Claro.

Leane: As personalidades influem, impressionante, teve isso, não me lembro de ter sofrido com ponto não. Não me lembro dessa parte.

Sergio; Na verdade a gente levava as coisas, enfim, a gente também levava coisas tolas a sério, a juventude... a gente não sabe direito distinguir direito.

Leane: Folha de ponto é muito chato, né? Como você bem disse, estava todo mundo lá, todo mundo animado, para quê aquilo?

Sergio: Para quê aquilo. Bom, pro outro lado nem todo mundo era animado, tinha um pessoal que... enfim, ele deve ter tido suas experiências...

Leane: Seus motivos, né? Depois ser presidente de uma instituição que está crescendo, tem que ter controle, ele tem que fazer sua parte também né? Faz parte, eu acho que ele realmente foi...

Sergio: Ele era especial, Pelúcia era uma pessoa especial. Quem é o presidente agora?

Leane: Ninguém nem sabe.

Sergio: Ninguém sabe.

Leane: Voltou aquele cara que era o ministro dos Transportes, ele é parente lá dos transportes, ele é professor lá da PUC, de relações internacionais, é o... não vou lembrar o nome dele, antes estava o Glauco, há pouco tempo, agora com a entrada do governo da Dilma esse cara voltou... esqueci.

Sergio: A Finep ainda tem um peso que...?

Leane: Pois é, isso é bom você conversar com o pessoal que eu estava te dizendo, com o pessoal que ainda está lá, eles têm uma visão que a Finep é outra coisa. Essa concepção, essa animação de um projeto novo, de tecnologia, algo novo no país e tal, acho que hoje eles já não sentem essa motivação toda, por outro lado, acho que algumas coisas foram inovadoras feitas sim na área de... Talvez a Fernanda Gadelha, você possa falar com ela também. Porque a Fernanda foi superintendente um tempo na área... com o Glauco, mas isso se você se interessar com a parte mais atual, que ela trabalhou mais com a parte de empresa de... uma coisa mais atual, ligada a gestão de riscos, a botar financiamento em risco, participação acionária da Finep, uma situação mais financeira, não te interessa?

Sergio: Não, eu estou há quarenta anos atrás.

Leane: Mas o Gane vai poder te recuperar e a Célia também.

Sergio: Legal.

Leane: Eles vão te dar material eu acho, dessa época.

Sergio: Ótimo.

Leane: Porque eles foram da área operacional, essa é a questão, se era da área operacional, não era da área de pesquisa, o Gane era a área operacional, a Célia também.

Sergio: A Célia trabalhava com a gente né?

Leane: Depois eles te dão outros nomes.

Sergio: Eu vou falar. Tá bom, eu acho que nós lembramos muitas coisas.

Leane: Muitas coisas, você acha?

Sergio: Você não acha não?

Leane: Eu acho que sim, também.

Leane: Depois você vê se o som ficou bom, se a gente falou mais alto.

Sergio: Eu acho que a gente falou, vamos ver.